



SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE DANÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Av. Presidente Vargas, 583 B Salas 2206 e 2207 - Centro | Tel/Fax: 2531-7541 | 2224-5913

CEP: 20071-003 - Rio de Janeiro - RJ | www.spdrj.com.br | sindicato@spdrj.com.br

CNPJ: 27.287.614/0001-52

Sindicato dos Profissionais de Dança do Estado do Rio de Janeiro

Apostila de conteúdo e referências Para a Prova Teórica de Sapateado

Índice

Uma pequena história do sapateado americano	p. 3
Nomenclatura	p. 12
Noções musicais básicas	p. 14
Fontes de pesquisa	p.16
Sobre oSPDRJ e a Lei 6533/78	p 17

UMA PEQUENA HISTÓRIA DO SAPATEADO AMERICANO

- por Steven Harper -

Raízes

O sapateado americano, ou *Tap Dance*, surgiu nos EUA a partir das diversas danças trazidas pelos povos que compuseram o “caldeirão” racial e cultural americano: Irlandeses, Ingleses, Franceses, Alemães, Poloneses, Russos e diversos povos Africanos. Todos contribuíram, em graus diversos, no desenvolvimento das diversas danças percussivas existentes nos EUA (*American Jig, Appalachian Dance, Clog Dance, Stepping, Boot dance e Tap dance*). Podemos, porém, destacar as danças populares vindas da Irlanda, da Inglaterra e da África.

Na Irlanda, danças percussivas existem há séculos (*jig, reel, clog*), bem antes de os Estados Unidos existirem como país. Começou quando camponeses, calçando sapatos rudimentares, esquentavam-se batendo os pés no chão duro. De brincadeiras em desafios desenvolveu-se aos poucos uma linguagem codificada e sofisticada. A ênfase era no pé e no jogo de pernas, na excelência técnica e na quantidade de sons que o dançarino conseguia realizar. A dança era realizada na meia ponta e o corpo ficava ereto, com os braços rígidos, ao lado do corpo.

Da Inglaterra veio o *Lancashire Clog*, dança desenvolvida no século XIX, durante a revolução industrial, por operários das fábricas da região do Lancashire. Criavam ritmos com os pés com seus tamancos, sapatos entalhados em pedaços de madeira, e organizavam concursos onde a técnica e a criatividade primava. Aqui também pouca importância era dada aos movimentos corporais. Com o tempo o *Lancashire Clog* evoluiu, ganhando velocidade e contornos mais complexos. Os rígidos tamancos foram substituídos por sapatos com sola de couro, aos quais se afixavam pequenas chapinhas de metal debaixo dos dedos, chamadas “taps”.

Bem longe de lá, no continente africano, diversos povos e tribos ritmavam suas vidas com percussão e dança. Diferentemente das danças citadas acima, aqui o corpo inteiro dança: é a agilidade e a flexibilidade das costas e dos quadris que vão diferenciar os dançarinos. Os ritmos africanos são bem mais complexos que os europeus, fazendo forte uso da síncope, do contratempo e de polirritmias.

O encontro

Foi nos Estados Unidos que se deu o encontro, a mistura e a evolução das formas de dança que resultariam no *Tap Dance*. Desde os primórdios do século XVI, milhões de escravos foram levados para o novo continente para trabalhar na lavoura e nas casas. Confinados nas fazendas do Sul dos EUA, desenraizados e desamparados, tentavam salvar um pouco da sua identidade através da preservação das suas músicas e danças, mas ficavam também curiosos com as danças que viam realizadas pelos brancos.

Proibidos pelos senhores brancos de tocar tambores ou outros instrumentos percussivos, os escravos ficaram ainda mais receptivos à “música dos pés” trazida pelos imigrantes irlandeses e ingleses e substituíram suas batucadas por batidas de mãos e pés, criando uma nova “música corporal”.

A sociedade americana da época era fortemente segregacionista e os contatos entre as raças eram escassos. O preconceito corria solto, os brancos consideravam os

negros “selvagens” e se deliciavam em assistir suas danças “primitivas” e “debochadas”. Mesmo assim, por morarem na mesma terra, dividir as mesmas cidades e ruas, o contato surgiu inevitavelmente.

Uma forma de entretenimento que fazia muito sucesso na época eram os *Minstrel Shows*, espetáculos baseados em paródias e imitações grotescas dos negros, onde os artistas pintavam os rostos de preto com rolha queimada (*black face*) e encenavam os “escravos felizes dançando nas plantações”. A fórmula do Minstrel fez imenso sucesso e espalhou-se em teatros pelo país como a principal forma de entretenimento.

Por mais preconceituosas que fossem essas representações, demonstravam pelo menos uma curiosidade dos brancos pelas danças negras, ao ponto de querer buscar inspiração “do outro lado” e até imitá-las, mesmo que com deboche. Dessa forma, ironicamente, os primeiros artistas a ganhar dinheiro com as danças negras foram brancos.

A partir de 1865, com o fim do escravismo, o confronto das culturas pôde ocorrer de maneira mais livre, principalmente em grandes cidades do Norte como Nova Iorque. Escravos recém-liberados e imigrantes irlandeses pobres conviviam no sul da ilha de Manhattan, uma área de cortiços, pensões baratas e bordéis, primeiro ponto de desembarque dos novos imigrantes e residência de muitos negros. Foi lá que o sapateado começou a desenvolver sua forma genuinamente americana e diferente das tradições culturais que o compõem.

Como no *Lancashire Clog*, o desafio e a capacidade de improvisar sempre foram essenciais à arte do sapateado. Antes de ganhar suas sofisticadas formas nas grandiosas coreografias de Hollywood, o sapateado de raiz era (e continua sendo) uma arte de solista, de improvisador, uma arte que se expressa plenamente no ambiente competitivo da roda informal ou da esquina de rua (tradição que continua hoje nas *jam sessions* de sapateado, geralmente no ambiente de um clube de jazz ou de uma sala de aula).

O surgimento da música jazz no início do século XX complementou perfeitamente o sapateado. Seu swing, sua batida sincopada, sua espontaneidade e o espaço que ele deixa ao improvisado foram pratos cheios para o sapateado. Assim os dois cresceram e andaram juntos a partir daí, inspirando-se mutuamente.

1900-1950: do Vaudeville à Hollywood

A partir de 1890, o “teatro de Vaudeville” substituiu o *Minstrel* na preferência popular. Eram espetáculos orientados para a família, de fácil concepção, similares ao teatro de revista, sem tramas nem grandes pretensões artísticas, onde sapateadores, acrobatas, humoristas, músicos e cantores se revezavam no palco.

Dois circuitos distintos, dos brancos e dos negros, formavam a rede de teatros de Vaudeville, com poucos exemplos de passagem de artistas de um para o outro. O racismo continuava firme e o uso do *black face* generalizado. Sem a concorrência do cinema ou da televisão, o gênero reinou tranquilo até os anos 1930. Os artistas podiam tranquilamente passar suas carreiras inteiras no Vaudeville, passando de um teatro para o outro. Para ser ter uma ideia, o circuito negro contava no seu auge com cerca de 300 teatros espalhados pelo país inteiro, o branco muito mais.

No circuito negro, onde se concentravam a maioria dos sapateadores, a competição era feroz e os aspirantes a fama tinham que se superar, procurando cada vez mais virtuosismo e originalidade para conseguir se sobressair. A fonte de inspiração mais óbvia eram colegas de trabalho das outras áreas: acrobatas, dançarinos de folclore russo, malabaristas, etc. A busca por novidades levou sapateadores a incluir outras formas de movimentação nos seus números, incluindo *splits* (espacate), saltos mortais e outros passos *flash* de grande efeito cênico. O Vaudeville serviu assim de poderoso trampolim para o desenvolvimento de novas formas estilísticas no sapateado.

Paralelamente ao Vaudeville apareceram pela primeira vez na Broadway as famosas *chorus lines*, fileiras de lindas mulheres dançando em sincronia. As *chorus girls* proporcionaram ao espetáculo a sensualidade que faltava ao Vaudeville. Calçavam sapatos de sapateado, mas os sons que produziam não era seu principal triunfo para com os espectadores, mais atentos às formas das suas pernas! Mesmo assim, o sucesso fenomenal das *chorus lines* deu ao sapateado seu título de “instituição nacional americana” e popularizou a arte do sapateado no mundo inteiro.

A Broadway, dos anos 20 e 30, beneficiou-se de uma leva impressionante de compositores, dramaturgos, roteiristas, atores, coreógrafos e bailarinos, todos levados para Hollywood: Jerome Kern, George Gerschwin, Cole Porter, a dupla Rodgers e Hart, Busby Berkeley, Fred Astaire e Bill Robinson, para citar só alguns.

Hollywood

Foi a partir de 1927, com a invenção do filme falado, que o sapateado pode brotar no cinema. Já em 1929, de cada quatro filmes produzidos em Hollywood, três continham cenas de dança. Os anos 30-50 marcam a época de ouro do sapateado, com a poderosa indústria do cinema lançando dezenas de títulos com suas glamorosas estrelas levando a arte do sapateado aos quatro cantos do mundo. A linguagem foi assim imortalizada nos pés de Fred Astaire, Bill Bojangles, Gene Kelly, Ginger Rodgers, Ruby Keeler, Eleanor Powell, The Nicholas Brothers, etc...

Infelizmente, o já tradicional preconceito observado desde os tempos dos Minstrel Shows, perdurou na Broadway e nos filmes, onde os negros eram inevitavelmente caricaturados e confinados a papéis de segundo escalão, como empregados, cozinheiros ou boy.

Declínio

Nos anos 40, novas linguagens de dança começaram a aparecer nos musicais, até então dominado pelo sapateado. Novos coreógrafos surgiram, como George Balanchine, Agnes de Milles, Bob Fosse e Jerome Robbins, e transformaram a forma de apresentação da dança nos musicais. O Ballet foi incluído, o *Modern Jazz* foi inventado e o sapateado foi sumindo das novas produções. Outros fatores que ajudaram a relegar o sapateado ao segundo plano foram: a segunda guerra mundial, que desmantelou as big bands de jazz ao mandar muitos dos seus integrantes para o combate, e a estrondosa chegada do Rock'n'Roll, que desbancou o jazz na preferência dos jovens. O jazz e o sapateado ficaram simplesmente “fora de moda”.

Durante os próximos vinte anos, nas décadas de 50 e 60, o sapateado desapareceu do cenário cultural.

Renascimento e renovação

Se não fosse a obstinação de algumas pessoas, o sapateado teria morrido, levado para a tumba junto com os últimos componentes da “velha guarda”. Mas, após vinte anos na sombra, o sapateado voltou graças à teimosia de um grupo de velhos *hoofers* – a “velha guarda” do sapateado – e ao empreendedorismo de alguns produtores, que perceberam interesse pelo sapateado de uma nova geração, que não viveu a época de ouro do sapateado, mas foi fisgada por ele.

Alguns musicais da Broadway foram remontados a partir do início dos anos 70, como *No No Nnette*. Em 1974 a MGM lançou *That's Entertainment* (Era uma vez em Hollywood), uma coletânea de números retirados dos grandes musicais entrelaçados por depoimentos de estrelas como Fred Astaire, Gene Kelly e Liza Minelli. A nova geração pode assim assistir a essa “coisa”, o sapateado, que só tinham ouvido falar. O sucesso foi tal que logo foram produzidas a sequências *That's Entertainment 2* e *3*. Nos anos 80 estrearam uma série de musicais: *Sophisticated Ladies*, *Bubbling Brown Sugar*, *The Tap Dance Kid*, *Black and Blue*, *Jelly's Last Jam* e outras remontagens de clássicos. Hollywood lançou também *The Cotton Club* (1984), *White Nights* (Sol da meia Noite) (1985) e *Tap* (1989), todos com a nova estrela do sapateado Gregory Hines. Uma nova coletânea, *That's Dancing* (Quando Hollywood Dança. 1985), veio reforçar a série *That's Entertainment*.

Ainda não era o suficiente, pois renascimento não é renovação. Os filmes e espetáculos mencionados acima tinham como denominador comum a recriação do contexto dos anos 30 e 40. Eram espetáculos de alta qualidade, porém embasados na nostalgia da famosa “época de ouro do sapateado” e desligados dos tempos atuais. Para que o sapateado decolasse de novo, era importante não só trazer de volta a velha guarda, homenageando-os com um tardio reconhecimento público, mas também descobrir novos talentos, novas formas de apresentação e jogar uma nova luz sobre essa arte.

Ainda novatas e recém-chegadas no mundo do sapateado, pessoas como Brenda Bufalino, Heather Cornell, Jane Goldberg, Acia Gray, Linda Sohl-Ellison, Lynn Dally e Sarah Petronio introduziram nos anos 80 o conceito de *Concert Tap*. Inspiradas pelas companhias de dança moderna, criaram companhias de sapateado, um conceito inovador na época e, a frente de *The Jazz Tap Ensemble*, *Rhapsody in Taps*, *Manhattan Tap*, *The American Tap Dance Orchestra* e *Tapestry Dance Company*, desenvolveram o conceito de sapateado orquestral, onde sapateadores criam camadas de ritmos, ponto e contrapontos, dialogando com os músicos numa concepção nova do *tap dance*.

Savion Glover

Por mais inovadoras que fossem as companhias, eram poucas e seu alcance junto ao público era limitado. Para assegurar a continuidade, o sapateado precisava de alguém que fosse capaz de inspirar os jovens, falando a mesma língua e adaptando o sapateado à sua realidade musical e cultural. Essa pessoa chegou nos pés de Savion Glover.

Seu talento excepcional era óbvio desde o início e ele recebeu uma atenção toda especial dos *hoofers* que o cercavam: Jimmy Slyde, “Buster” Brown, “Honi” Coles,

“Sandman” Simms e principalmente Gregory Hines, que depositaram nele a esperança de ver a sua arte projetada para o futuro.

Em 1996, Savion estreou o show *Bring in 'da Noise, Bring in 'da Funk*, e recebeu um Tony Award (o Oscar dos musicais) pela coreografia. Trabalhando com ritmos hip-hop e um visual urbano moderno, Savion tornou-se a referência principal da nova geração de sapateadores, principalmente afro-americanos, inspirando milhares a fazerem aulas e recolocando o sapateado “na moda”.

Internacional

O sapateado não só está na moda, mas segue os caminhos da globalização. O interesse por ele está crescendo nos cinco continentes e a *Internacional Tap Association* conta hoje com membros em 30 países. O interesse ultrapassa a estrita definição do sapateado: é a percussão, a “dança percussiva” e o ritmo em geral que chegou com toda força.

O show *Tap Dogs* veio da Austrália. Fez sucesso em Londres antes de conquistar os Estados Unidos. *STOMP!*, criado em Birmingham, na Inglaterra, junta a dança e percussão num espetáculo original e altamente contagiante. O show *Riverdance* e sua dissidência *The Lord of the Dance*, saíram de Dublin, na Irlanda e deram nova roupagem ao *jig*, ancestral irlandês do sapateado. Existem espetáculos de sapateado vindo de Barcelona, Tóquio, Berlim, Paris, etc..

Esse movimento está ligando o mundo numa poderosa corrente rítmica, do qual o sapateado é um dos elos principais. Assim, o sapateado está novamente vivo, forte, dinâmico e voltado para o futuro.

No Brasil

A história do sapateado no Brasil começa já nos anos quarenta, com uma série de personagens pioneiros.

Em 1945, fugindo da 2ª guerra mundial, o australiano Philip Ascott estabeleceu-se no bairro pobre de Vila Carrão em São Paulo. Começou a ensinar os meninos e meninas do bairro, oferecendo também o espaço da sua casa para ensaios, tudo de graça. Depois de anos ganhou certa notoriedade ao aparecer com seus alunos no então popular programa de televisão “Kibon”, da TV Tupi. Teve como aluno *xodó* Heloaldo Castello Silva, que mais tarde ensinou durante anos em cidades do interior de São Paulo. O Professor Ascott faleceu em São Paulo, aos 87 anos de idade. O professor Heloaldo Silva faleceu em 2011, em Piracicaba.

O Professor Cid Pais de Barros teve também grande influência em São Paulo. Abriu no início dos anos 50 a *Escola de Ballet Cid de Barros*, no centro da cidade, onde ensinava ballet, jazz e sapateado. Autodidata, aprendeu vendo filmes, memorizando e recriando passos das estrelas de Hollywood. Como Ascott, desconhecia os nomes dos passos e desenvolveu um método de ensino baseado em pequenas sequências que chamou de “sequências numeradas”.

O Professor Gualter Silva, nascido em Minas Gerais, veio cedo para o Rio de Janeiro. Juntou-se em 1936 ao conjunto americano “The Black Stars”, que ensinaram-lhe os segredos do sapateado. Fazia dupla com sua irmã Ina e dançava nos cassinos da Urca, Quitandinha, Guarujá e Mar Del Plata. Tomou parte em diversos filmes nacionais, entre eles “Este mundo é um pandeiro”, com Oscarito e Grande Otelo. Mais tarde lecionou em São Paulo capital e interior.

As duas maiores responsáveis pela subsequente popularização do sapateado no estado de São Paulo nos anos 70, Kika e Marchina, foram alunas de Gualter. Começaram a ensinar e difundir o sapateado através do grupo *Salto e Sola*, rebatizado mais tarde *Brasil Tap Dance*. Ambas trabalham hoje individualmente e continuam ensinando para centenas os segredos do sapateado.

No Rio de Janeiro, o sapateado apareceu mais tarde que em São Paulo, nos anos 70 e quem teve a influencia mais decisiva foi Pat Thibodeaux. De todos os pioneiros citados acima, Pat foi a primeira com real conhecimento aprendido na fonte: nasceu e cresceu em New Orleans, berço histórico do sapateado e do jazz. Casou-se com um brasileiro e mudou-se para o Brasil em 1970, passando logo a dar aulas em colégios. Em 1980 abriu a academia UNIC. Pat produziu uma geração de sapateadores que se tornaram em seguida os principais difusores da arte no Rio: Stella Antunes, Amália Machado, Maurício Silva e Cíntia Martin, dentre outros.

Stella e Amália abriram a academia *Dança e Cia* em 1985 e criaram a *Companhia dá no pé*, que virou mais tarde *Orquestra Brasileira de Sapateado*. Durante anos a *Dança e Cia* foi reduto dos melhores sapateadores locais.

Um segundo “núcleo” do sapateado no Rio era liderado por Tânia Nardini, responsável por numerosas produções e peças teatrais envolvendo sapateado. Tânia foi diretora da academia “Catsapa”, em atividade até hoje. Gisela Saldanha, Flávio Salles e Valéria Pinheiro, entre muitos, trabalhavam com Tânia.

Zdenek Hampl, bailarino clássico vindo da Checoslováquia, também passou a ensinar sapateado no Rio de Janeiro nos anos 70. Passou os últimos anos da vida no Recife, onde faleceu em 2007. Em 1998, recebeu uma “menção honrosa” como “mestre inspirador”(prêmio Mambembe) do Ministério da Cultura, através da Funarte.

Mesmo não sendo primeiramente um sapateador, não podemos deixar de mencionar Lennie Dale. Vindo de Nova Iorque, provocou um grande impacto nos anos 70 quando adotou o Rio de Janeiro como segundo lar e mudou radicalmente o perfil da dança Jazz no Brasil, introduzindo o estilo de dança-teatro da Broadway. O memorável grupo *Dzi Croquette* fez sucesso país afora. Seu forte não era o sapateado, mas ele preparou o terreno e abriu as cabeças para sua chegada.

A partir dos anos 80, o ótimo trabalho de sapateadores e professores em outras cidades quebrou a hegemonia Rio/São Paulo; tanto que, por exemplo, é atualmente impossível prever de onde surgirão os grupos premiados em concursos e festivais de dança. Campinas, Fortaleza, Curitiba, Florianópolis, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Porto Alegre, Rio Grande, Blumenau, Brasília: em todo canto há trabalho sério e muita dedicação.

Em termos de reais oportunidades no mercado profissional, a modalidade anda fraca ainda, mas, visto sua história recente, a quantidade e qualidade dos alunos, é inevitável que o Brasil se torne em pouco tempo uma “terra de oportunidades” para o sapateado.

Alguns sapateadores ativos hoje no mundo (lista não completa, ordem alfabética):

Acia Gray, Andrew J. Nemr, Ayodele Casel, Baakari Wilder, Barbara Duffy, Brenda Bufalino, Chloe Arnold, Dein Perry (Australia), Derick Grant, Dormeshia Sumbry-Edwards, Fabien Ruiz (França), Guilhem Alonso (Espanha), Heather Cornell, Jared Grimes, Jason Samuels-Smith, Jason Janis, Josh Hilberman, Lane Alexander, Leela

Petronio (França), Leela Petronio, Margaret Morrison, Max Pollack (Áustria, EUA), Michael Minery, Michelle Dorrance, RoxaneButerfly (França, Espanha), Sarah Petronio (EUA, França), Savion Glover, Sebastian Weber (Alemanha), Steve Zee, Tamango (EUA, França), Ted Levy, Tomas Marek (Alemanha), Tony Waag, etc.

Alguns sapateadores e/ou professores no Brasil (lista não completa, ordem alfabética):

Adriana Salomão (RJ), Amália Machado (RJ), Ana Carolina Tomioshi (SP), Ana Corina Amanajás (PA/RJ), Ana Paula Veneziani (SP), Bia Mattar (SC), Charles Renato (SP), Christiane Mattalo (SP), Cíntia Martin (RJ), Flávia Costa (RJ), Gabriela Santos (RS), Gisella Martins (SP), Giuliano Antônio (MG), Iara Fonseca Schmidt (MG), Juliana Castro (DF), Juliana Garcia (SP), Katia Barão (SP), Kika Sampaio (SP), Leonardo Sandoval (SP), LuizBaldijão (SP), Marchina (SP), Marcos Paulo Dias (MG), Maria Luíza Cavalcante (RJ), Marina Coura (SC), Melissa Tannús (MG), Michelle Borges (CE), Patrícia Taranto (RJ), Samanta Varela (SP), Steven Harper (RJ), Tiago Marcelino (RJ), Valeria Pinheiro (CE), Vera Passos (CE), etc.

ESTRELAS DO SAPATEADO

Vaudeville Acts

Grupos famosos no teatro de Vaudeville (geralmente, duos, trios ou quartetos):
The Astaires (Adele & Fred), The Berry Brothers, Buck and Bubbles, Chuck and Chuckles, Coles & Atkins, The Condos Brothers, The Four Step Brothers, The Nicholas Brothers, Stomp & Stompy, The Three Dukes, Tip, Tap & Toe, etc.

Jazz Tap - Hoofers

Baby Laurence, Bill 'Bojangles' Robinson, Bunny Briggs, Buster Brown, Charles 'Honi' Coles, Chuck Green, Eddie Rector, Fayard Nicholas, Harold Nicholas, Harriet Browne, Henry LeTang, Honi Coles, Jeni LeGon, Jimmy Slyde, John W. Bubbles, LaVaughn Robinson, Leon Colins, 'Peg Leg' Bates, Prince Spencer, Sandman Sims, Teddy Hale, etc.

Cinema e Broadway

Fred Astaire, Bill 'Bojangles' Robinson, Gene Kelly, Ginger Rodgers, Ruby Keeler, Eleanor Powell, Donald O'Connor, Ann Miller, Paul Draper, Rita Hayworth, the Nicholas Brothers, Shirley Temple, Betty Grable, Hermes Pan (coreógrafo), Busby Berkeley (coreógrafo), etc.

Na música, principais *Big Bands* de jazz (que também empregavam sapateadores):

Artie Shaw, Benny Goodman, Cab Calloway, Count Basie, Duke Ellington, Fletcher Henderson, Jimmie Lunceford, Louis Armstrong, Tommy Dorsey, etc.

ESTILOS DE SAPATEADO E SUAS ESTRELAS

→ Não existem nomes suficientes para rotular o estilo de tantos sapateadores, e alguns cruzam vários estilos, mas aqui vão alguns:

- *Class Tap* → Eddie Rector → Coles & Atkins
- *Flash Tap* → Nicholas Brothers
- *Acrobatic Tap* → Berry Brothers / 4 Step brothers / Tip, Tap & Toe, etc
- *Jazz tap* ("Heel and toe" ou "Close rhythm"): John Bubbles, Teddy Hale, etc
- *Ballet tap* → Paul Draper
- *Classical Tap* → Hollywood
- *Broadway Tap* → chorus Lines → coreógrafo Danny Daniels,
- *Legomania, specialties, comic tap, eccentric tap* → "Rubberneck" Holmes, Ray Bolger, etc...

PRINCIPAIS COMPANHIAS DE SAPATEADO DA RETOMADA NOS EUA

- *Jazz Tap Ensemble* → Los Angeles, CA. Desde 1979. Dir: Lynn Dally.
- *American Tap Orchestra (ATDO)* → Nova Iorque. Desde 1986. Dir: Brenda Buffalino.
- *Rhapsody in Taps* → Los Angeles. Desde 1981. Dir: Linda Sohl-Ellison
- *Manhattan Tap* → Nova Iorque. Desde 1986. Dir: Heather Cornell.
- *Tapestry Dance Company* → Austin, Texas. Dir: Acia Gray. Desde 1989.

SHOWS, BROADWAY E OFF-BROADWAY

- *The Hoofers*, dir: Leticia Jay, 1970;
- Remontagem de *No NoNanette*(1971) ;
- *Eubie* (1979), com os irmãos Gregory e Maurice Hines;
- *Sophisticated Ladies* (1981), com Gregory Hines, Mercedes Ellington, etc;
- *The Tap Dance Kid* (1983), com Savion Glover;
- *Black and Blue* (1989), com vários baluartes + Savion Glover, Van Porter, etc;
- *Jelly's Last Jam* (1992), com Gregory Hines;

FILMES a partir dos anos 70

- *That's Entertainment Vol 1* (1974), Vol 2 (1976) e Vol 3 (1994);
- *That's Dancing* (1985);
- *The Cotton Club* (1984 – com Gregory Hines + velhaguarda);
- *White Nights* (1985 - com Mikhail Baryshnikov e Gregory Hines);
- *Tap* (1989 – com Gregory Hines, Sammy Davis + velha guarda);
- *Stepping Out* (1991) com Liza Minelli
- *A Hora do Show* (*Bamboozled*, 2000)
- *Bootmen* (2000)
- *Bojangles* (2001)
- *Billy Elliott*(2000)
- *Happy Feet* (2006)
- Curta metragem *Tap Heat*, com Jason Samuels Smith e Arthur Duncan (2004).

GRANDES ESPETÁCULOS DE SUCESSO MUNDIAL

- *Bring in 'da Noise, Bring in 'da Funk* (1995). Direção de George C. Wolfe, coreografia de Savion Glover;
- *Tap Dogs* (1996). Originalmente da Austrália. Direção e coreografia de Dein Perry;
- *Stomp*, dança percussiva (1991 na Inglaterra, 1994 em Nova Iorque);
- *Riverdance*, sapateado irlandês (1995) com coreografia de Michael Flatley.

FILMES DOCUMENTÁRIOS

- *Jazz Hooper, The Legendary Baby Laurence*, 1973;
- *Great Feats of Feet*, Dir: Brenda Bufalino, 1975-76;
- *No Maps on My Taps*, Dir: George T. Nierenberg, 1979;
- *By Word of Foot*, Dir: Jane Goldberg, 1980-1985;
- *About Tap*, com Gregory Hines, Chuck Green, Jimmy Slyde & Steve Condos, 1985;
- *Cookie's Scrapbook*, dir: Susan Goldbetter, 1986, sobre Charles 'Cookie' Cook;
- *Songs Unwritten: A Tap Dancer Remembered*, sobre a vida e obra de Leon Collins, 1984;
- *Tap Dancin'*, Dir: Christian Balckwood, 1984;
- Programa da televisão pública PBS, *Tap Dance in America*, 1989.

NOMENCLATURA

Não existe um vocabulário fechado, universal, e com a verdadeira credibilidade sobre a terminologia do sapateado americano. Citamos abaixo alguns passos básicos para ajudar em sua pesquisa para prova teórica. Não precisa descrever o passo exatamente como está aqui. Basta que, a comissão que corrigirá a prova, entenda. Pense em suas aulas e treinos práticos dentro da sala de aula, e descreva o passo como você o executa.

Para um conhecimento mais aprofundado, recomendamos o seguinte site <http://www.unitedtaps.com/> (mas LEMBRE-SE, nada melhor que treinar a parte prática!):

PASSOS BÁSICOS

BALL CHANGE – 2 steps combinados em contratempo e tempo (&1)

BRUSH – tocar a chapinha da frente para qualquer direção, como uma escovada.

CHUG – o pé que sustenta o peso desliza para frente, terminando com um som mais forte do no calcanhar.

CLAP – bater palmas.

DROP – queda do calcanhar (heel) ou da meia ponta (toe).

FLAP – junção de um brush com um step.

HEEL – toque do calcanhar no chão.

HOP – salto em uma perna sem transferência de peso.

JUMP – salto nas duas pernas.

LEAP – salto de uma perna para outra, conseqüentemente com transferência de peso.

LUNGE – Puxada como uma escorregada de uma perna, enquanto a outra está elevada ou não para qualquer direção.

OVER THE TOP – colocar a perna direita na frente e saltar com a perna esquerda por cima da direita.

PULL BACK – com 2 sons, salto com o peso nas duas pernas, executando dois brushes simultâneos para trás (ou dois taps), caindo em ambas as pernas, também o double pull back com 4 sons.

RIFF – junção de brush front mais scuff

SCRAPE – arrastar a ponta ou a lateral do sapato no chão em qualquer direção

SCUFF – tocar o calcanhar no chão para frente como um movimento do brush

SCUFFLE – um heel-tap ou scuff e um brush para trás combinados em 1 tempo(&1).

SHUFFLE – combinação de brush front com brush back em 1 tempo (&1).

SLIDE – passo deslizante, com ou sem transferência de peso.

SPANK – um brush para trás.

STAMP – passo como pé inteiro no chão, com transferência de peso.

STEP – passo em meia ponta, com transferência de peso.

STOMP – Tocar o pé inteiro no chão, sem transferência de peso.

TAP – toque com a chapinha da frente, sem transferência de peso.

TOEPOINT – toque com a ponta do sapato.

PASSOS COMBINADOS

CRAMP ROLL – step(d), step(e), heel(d), heel (e)

BUFFALO – leap(d), shuffle(e), leap(e)

WALTZ CLOG(a valsa do tap) –step(d), shuffle (e), ballchange(e-d)

CINCINATTI – spank(d), heel(e), shuffle(d), heel(e) ou step(d)

BOMBERSHAY – step (d), brush (e), step(d), deslocandolateralmente.

DRAW BACK – brush back (d), heel(e), step(d)

PADDLE AND ROOL – heel-tap ou scuff (d) ,brush back(d), step(d), heel(d)

MAXIE FORD – stampou leap (d), shuffle(e), leap(e), toe point (d)

SINGLE ESSENCE- flap(d), step(e), step(d)

DOUBLE ESSENCE- flap (d), flap (e), step (d)

TIME STEP SINGLE –shuffle (d), hop (e), step (d), flap (e), step (d).

TIME STEP DOUBLE – shuffle (d), hop (e), flap (d), flap (e), step (d).

O SHIM SHAM

O *ShimSham* é uma famosa sequência de repertório, considerada por muitos o hino do sapateado americano. Tornou-se o *grand final* padrão de galas e festivais de sapateado mundo afora. Idealizada e coreografada por Leonard Reed e Willy Bryant em 1927, é baseada em movimentos e passos já populares na época.

Existem diversas variações e adições ao *Shim Sham* original, dentre outros os *Shim Sham Shimmy*, o *Freeze Chorus*, etc. Dançarinos de Swing Dancetambém dançam sua versão, sem o som do sapateado.

O Shim Sham é composto de quatro sequências de movimento de 8 compassos cada, totalizando 32 compassos em 4/4.

NOÇÕES MUSICAIS BÁSICAS

Por participar ativamente “do que se houve”, o sapateado é uma forma de arte situada na fronteira entre dança e música. É por issoa importancia que o sapateador tenha uma musicalidade afirmada e algumas noções musicais claras.

Colocamos aqui algumas noções básicas, sem ambição didática, para expor elementos que podem aparecer na prova teórica do sindicato. Queremos incentivá-lo a complementar seu conhecimento (vide p. 16 para fontes de pesquisa).

A música é construída sobre três “pilares”: harmonia, melodia e ritmo. O sapateador precisa se embasar primeiramente sobre a dimensão rítmica.

Os três elementos básicos constitutivos do ritmo são: o **pulso**, o **compasso** e a **divisão do tempo**.

A Pulsação (pulso, tempo básico, andamento da música) é a unidade base de medida do tempo musical, a partir da qual se estabelecem as outras relações rítmicas. Em termos técnicos é a “semínima”, valendo 1 tempo.

O compasso (métrica) é uma forma de organizar os pulsos em grupos de 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11 ou 12 tempos, repetidos ciclicamente ao longo da música. O compasso mais comum na música ocidental é o de 4 tempos. Os de 2 e 3 tempos também são comuns em algumas formas musicais. Os outros são mais insólitos. Os compassos são divididos na partitura com linhas verticais desenhadas sobre a pauta (travessões).

Na fórmula do compasso (p.ex. 2/2, 2/4, 3/4 ou 4/4), o número de cima (numerador) da fórmula de compasso indica a quantidade de tempos de cada compasso, enquantoo denominador indica a duração desse tempo, em termos de notas musicais. Por exemplo, um compasso 2/4 possui dois pulsos com duração de 1/4 (uma semínima) cada.

Compassos de dois tempos são chamados de **compasso binário**. Contado em 2, o ritmo binário é comum nas marchas, em algumas composições música erudita e ritmos populares, como o frevo, samba, polca, etc. Os de três tempos são chamados **compasso ternário**. O principal ritmo a utilizar o ternário é a valsa (de todos os tipos: valsa vienenses, valsa jazz, valsa brasileira, etc). Atenção: não confunde compasso ternário com a divisão do tempo em tercinas. O **compasso quaternário** é o mais comum na musica popular (jazz, pop, bossa nova, MPB, rock, etc...), são de 4 tempos.

A divisão do tempo:na notação musical, cada nota (mínima, semínima, colcheia, semi-colcheia, etc), dura exatamente a metade da outra. A divisão do tempo é dessa forma “par”, formando dois, quatro ou oito sons por tempos, de igual valor.

Mas na prática não é sempre assim e alguma formas de música, a começar pelo jazz, adotaram uma levada onde cada tempo é dividido em três, formando tercinas. Esse recurso rítmico esta por trás da “colcheia suingada”, que embasa a levada do jazz tradicional.

O Swing e “colcheia suingada”

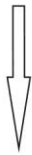
O sapateado se desenvolveu dentro do contexto musical do jazz. É impossível desconsiderar o jazz quando se pense em sapateado e o elemento mais básico do suingue do jazz é a “colcheia suingada”.

Hierarquia rítmica

Compassos



Pulsos



**Divisão
do tempo**

binário
2 tempos



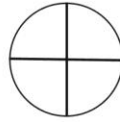
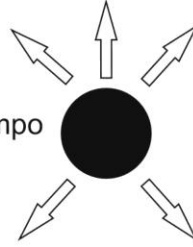
ternário
3 tempos



quaternário
4 tempos



1 tempo



par

(colcheias exatas,
semi-colcheias, etc)



ímpar

(tercinas,
colcheias *suigadas*)

FONTES DE PESQUISAS

BIBLIOGRAFIA – principais obras publicadas

- SEIBERT, Brian, What the Eyes Hears, a History of Tap DaNcing, Farrar, Straus and Giroux, New York, 2015
- STEARNS, Marshall & STEARNS, Jean, Jazz Dance, The Story of American Vernacular Dance, New York: Da Capo Press, 1994.
- FRANK, Rusty, Tap! The Greatest Tap Dance Stars and their Stories, 1900-1955, New York: William Morrow & Co., 1990;
- VALIS HILL, Constance , Tap Dancing America: A Cultural History, Oxford and New York: Oxford University Press, 2010; (OBS: Trechosdisponíveisem <http://books.google.com.br>)
- KNOWLE, Mark, Tap Roots: The Early History of Tap Dancing, Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2002; (OBS: Trechosdisponíveisem <http://books.google.com.br>)
- EMERY, Lynn Fauley, Black Dance, from 1619 to Today, Pennington, NJ: Princeton Book Co, 1972, 1988

Livros em português

- MACHADO, Amalia & SALLES, Flavio, Tap, a Arte do Sapateado, Rio de Janeiro, 2003.
- MARTIN, Cíntia, TOQUES, Vivendo, Aprendendo e Ensinando o Sapateado, edição própria, 2011.

Livro em espanhol

- LUDUEÑA, Miguel Angel Tap, Una Mirada desde el Hemisfério Sur

NA INTERNET

Sobre sapateado

- Wikipedia: <http://en.wikipedia.org/>
- Tap Dance: (site oficial da *International Tap Association*) <https://www.tapdance.org/>
- Sonny Watson's Street Swing: <http://www.streetswing.com>
- Portal tap Dancing TV: <http://tapdancing.tv/>
- Blog "Divulgando o sapateado por aí": <http://divulgandotap.wordpress.com>

Sobre música e teoria musical:

- <http://www.jazzbossa.com/teoria/>
- <http://www.jazzbossa.com/sabatella/04.01.fundamentosdojazzsuingue.html>
- <https://sites.google.com/site/musicaeteoria/indi>

SOBRE A LEI QUE REGE A DANÇA

A Dança é uma profissão regulamentada, pela Lei 6533/78, a Lei dos Artistas (Dança, Teatro e Circo). Como toda profissão artística, regulamentada, é necessário ter o registro profissional, DRT, para exercer a profissão de forma correta, pela forma da Lei.

A Lei diz que todo o Bailarino/ Dançarino, pode ministrar aulas, observadas as normas legais. Todo o profissional de Dança deve possuir DRT e estar sindicalizado, para que tenha todo o respaldo legal, e obtenha os benefícios que todo o trabalhador brasileiro tem direito. Profissional de dança é trabalhador.

A íntegra da lei esta disponível aqui:

<http://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/l6533.htm>

SOBRE O SINDICATO

Sindicato é a associação de trabalhadores de uma determinada profissão ou de empregadores com a função de defender seus interesses trabalhistas e empresariais visando também assegurar a representação e a defesa dos seus associados administrativamente ou na justiça.

A Constituição Federal de 1988 garante a livre criação de Sindicatos no país.

Os Sindicatos têm cinco funções básicas que norteiam a sua ação: negociação, assistencial, arrecadação, colaboração e representação.

O Sindicato existe para representar e defender os seus interesses junto à sociedade, portanto, concretiza a união dos trabalhadores de uma categoria profissional.

Nós somos uma categoria diferenciada, especial, e precisamos estar sempre atentos ao cumprimento das leis e normas que conseguimos, após longos anos de luta, conquistar.

Saiba que você é importante e com a sua filiação, além de fortalecer a sua entidade de classe, a única que possuímos você passa a atuar diretamente nas definições e decisões do que é melhor para todos. Você adquire o poder de voz e voto em Assembléias para definir os novos rumos do nosso Sindicato.

Filia-se a seu sindicato, e participe desse momento de união e reconstrução, vamos torná-lo uma representação forte da nossa categoria, para que possamos buscar por melhor e maior desenvolvimento da nossa profissão.

**Elaboração: Comissão artística Sapateado:
Adriana Salomão, Steven Harper, Patrícia Taranto**